

O Pseudomarxismo Acadêmico: Críticas a uma Tendência Oposicionista e Oportunista

Edinei Vasco*

Introdução

*Precisamente como Marx disse sobre os
"marxistas" franceses do fim dos anos 70:
"Tudo o que sei é que não sou marxista".*

Friedrich Engels

De acordo com o biógrafo Franz Mehring, foi no outono de 1882, poucos meses antes da sua morte, que Marx ironicamente afirmou que "tudo o que sei é que não sou marxista". Essa declaração foi citada por Engels em duas cartas redigidas durante o verão de 1890 e enviadas a Konrad Schmidt e Paul Lafargue: a primeira, em 2 de agosto; e a segunda, 27 de agosto (MEHRING, 1975, 2013). No entanto, o que interessa salientar é que o significado de tal frase deve ser compreendido a partir do contexto no qual fora pronunciada. Não é, obviamente, uma recusa de Marx a suas próprias ideias, mas, sim, uma crítica àqueles que dizem segui-las e, na realidade, as simplificam e as deformam, seja por limites de compreensão e interpretação ou por vínculos a determinadas organizações, interesses individuais, grupais ou institucionais e, mais do que isso, por também não expressarem teórica e politicamente a perspectiva do proletariado (VIANA, 2021).

O termo "marxista", com conotação pejorativa, foi utilizado e popularizado por Bakunin no conjunto de suas divergências com Marx no interior da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), também conhecida como Primeira Internacional ou, simplesmente, Internacional. A AIT foi uma organização fundada em setembro de 1864, sendo a primeira organização operária a superar fronteiras nacionais, reunindo membros de todos os países da Europa e também dos Estados Unidos.

Neste contexto, quando Bakunin se referia aos ditos "marxistas", estava apontando para os socialistas alemães, ou seja, os social-democratas que, ao fundarem o Partido Social-democrata em fusão com os socialistas estatais que pregavam o "Estado Popular", também receberam críticas contundentes de Marx que, em diversas cartas e em *Crítica ao Programa de Gotha* (MARX, 2021), os repreendeu justamente por demonstrarem uma limitada e

* Doutorando em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Goiás. Mestre em Educação e Linguagens pela Universidade Estadual de Goiás. E-mail: dineyvasco@outlook.com.

simplista compreensão da sua teoria e também do *Manifesto Comunista* (MARX; ENGELS, 1988) cuja “tradução” fora deformada para tal programa (VIANA, 2017b; 2021).

Mesmo assim, Bakunin atribuía a Marx as ideias e concepções relacionadas aos social-democratas, os designando como “marxistas”. Estas divergências – principalmente relacionando os social-democratas às suas ideias –, fizeram com que Marx, em dado momento, asseverasse que “tudo o que sei é que não sou marxista”. Ao enunciar tal frase, Marx estava indicando deformações e distanciamentos, tanto de suas concepções – expressão teórica do proletariado revolucionário – quanto da perspectiva desta classe que está em sua base. É nesse sentido que, de acordo com Viana (2021), a frase seria melhor compreendida se Marx tivesse declarado que "tudo o que eu sei é que não sou pseudomarxista", pois, assim, o problema estaria centrado em se definir o que é o pseudomarxismo, que, evidentemente, não é marxismo.

Hoje podemos definir o pseudomarxismo como toda concepção que se autodeclara marxista, mas que é incoerente com o marxismo tanto no plano das ideias quanto da perspectiva de classe que está em sua base, não sendo uma expressão teórica do proletariado revolucionário (VIANA, 2021, p. 13).

Deste modo, é preciso entender, primeiramente, que o termo pseudomarxismo é um conceito que se difere do marxismo autêntico, que é considerado marginal e, por assim ser, está à margem das academias e dos seus modismos, à margem do Estado, dos partidos políticos, dos sindicatos etc. Portanto, ao contrário das tendências oposicionistas e oportunistas, o marxismo autêntico, além de não se relacionar com tais instituições e organizações, realiza a crítica destas, pois são entendidas como formas de organização que auxiliam o capital.

Assim, esse pequeno texto tem, a princípio, o objetivo de definir o que é o pseudomarxismo e também demonstrar que, apesar de alguns aspectos semelhantes, ele se difere totalmente do marxismo autêntico. E isso significa que é necessário, antes, uma clara definição do que o pseudomarxismo indiscutivelmente não é, ou seja, marxismo. Por fim, será desenvolvida uma crítica, na forma de teoria, de uma das vertentes mais prolíferas do pseudomarxismo, o das “escolas acadêmicas”, que transformam Marx em “economista”, “filósofo” ou “sociólogo” e o marxismo em “concepção científica”, “método de pesquisa”, “crítica”, “rótulos”, “slogans” etc.

Marxismo

Após a morte de Karl Marx, o marxismo acabou sofrendo diversas transformações, o que, por conseguinte, resultou em profundas deformações e deturpações do seu caráter revolucionário (KORSCH, 2008; VIANA, 2012). Isso deixa claro que existe um marxismo autêntico e outros inautênticos, ou seja, pseudomarxismos que, em determinados momentos e aspectos, até se assemelham ao marxismo, mas que, em essência, são radicalmente distintos e destoam de suas bases originais, não passando de derivações falsificadas.

O marxismo, que surgiu no século XIX, revelou-se como a mais importante teoria do século XX e continua se desenvolvendo até os dias de hoje, sendo, nas palavras de Sartre (2002, p. 36), “insuperável porque as circunstâncias que o engendraram ainda não estão ultrapassadas”; logo, é a “filosofia do nosso tempo”, ou, mais precisamente, como coloca Viana (2012, p. 117), o marxismo é a teoria de nossa época e, por isso, é necessário o seu estudo. Assim, um dos primeiros aspectos a ser observado é a confusão que se faz ao acreditar que os marxistas são, basicamente, todos aqueles que reproduzem as ideias de Karl Marx, ou seja, o marxismo e Marx são concebidos e interpretados como se fossem uma unidade. Entretanto, é preciso entender que, ao contrário do que muitos pensam, o marxismo não é as concepções e posições políticas de Marx; mas, sim, a expressão teórica do movimento revolucionário do proletariado (KORSCH, 2008; VIANA, 2012, 2014, 2017).

Isso significa que não são apenas as concepções de Marx que representam uma expressão autêntica do marxismo. Marx foi o primeiro que, de maneira mais profunda e desenvolvida, manifestou a episteme marxista¹. Esta não é apenas um pensamento da revolução, mas, sobretudo, uma revolução do pensamento, uma vez que para ser expressão do proletário revolucionário é preciso ser, antes de tudo, um pensamento revolucionário. E isso pressupõe uma revolução no pensamento que somente é possível a partir da ruptura com a episteme burguesa, isto é, com o modo de pensar burguês. Assim, o marxismo não significa um culto e fidelidade as concepções de Marx. O marxismo significa ser expressão da perspectiva revolucionária do proletariado. No entanto, como Marx manifestou

¹ A episteme é um modo de constituição de ideias, um modo de pensar, isto é, um modo de produzir ideias, sendo, portanto, uma forma de produção cultural que tem efeito sobre o conteúdo do pensamento, pois o modo de pensar influencia o resultado do pensamento. Marx, ao partir da perspectiva do proletariado, desenvolve um modo de pensar (episteme marxista) totalmente antagônico ao modo de pensar burguês (episteme burguesa), tanto em essência quanto em todas as suas variantes. Para uma análise mais detalhada sobre Episteme Burguesa e Episteme Marxista, cf. Viana (2018).

pioneiramente a episteme marxista, então isso coincide com a coerência em relação ao seu pensamento (VIANA, 2021).

Ao ser a expressão teórica do movimento revolucionário do proletariado, o marxismo refere-se, obviamente, ao proletariado revolucionário, ou seja, ao proletariado autodeterminado que se posiciona politicamente como classe que defende seus próprios interesses, e não como classe determinada e subordinada aos interesses do capital. A dinâmica deste processo ocorre através da luta de classes, na qual o proletariado determinado se transforma em autodeterminado. De maneira mais clara:

Através da luta, o proletariado realiza o seu processo de autoeducação e autoformação e nesse processo se torna classe autodeterminada, pré-condição para sua autoemancipação. O que Marx coloca é justamente a importância fundamental da luta e da auto-organização e autoeducação (autoformação, o que implica em consciência revolucionária) no processo de passagem de classe determinada para classe autodeterminada. Porém, aqui há um vínculo indissolúvel. O proletariado só pode se transformar em classe autodeterminada devido seu caráter de classe determinada e é em sua negação de sua determinação, através da luta, que se chega à sua autodeterminação, que é sua auto-organização e autoformação (VIANA, 2017, p. 147-148).

Percebe-se, nesse sentido, que devido a sua condição de classe determinada, isto é, por estar inserido no processo de exploração e dominação do modo de produção capitalista, o proletariado – independentemente do seu nível de consciência – é sempre constringido a lutar, pois é somente no processo de luta que pode alcançar a sua liberdade. Isso significa que é impossível para o proletariado não lutar, pois caso não houvesse resistências e lutas, a classe capitalista, agindo sem oposição, aumentaria até o máximo possível a extração de mais-valor – tanto em sua forma absoluta quanto em sua forma relativa –, o que intensificaria ainda mais as relações de dominação e exploração, levando à degradação física e psíquica, e atingindo o máximo suportável por um ser humano. Logo, a classe proletária resiste e luta não apenas para se defender da classe capitalista, mas, sobretudo, para abolir a produção e extração de mais-valor, ou melhor, a relação-capital (MARX, 2008, 2013; VIANA, 2012, 2017, 2017b).

É durante esse processo de luta que o proletariado passa, gradativamente, de classe determinada pelo capital (*classe em si*) para classe autodeterminada (*classe para si*), visto que o gradual desenvolvimento da luta também exige, simultaneamente, o desenvolvimento da auto-organização de classe, o que implica necessariamente o desenvolvimento da

consciência revolucionária, ou seja, autoeducação e autoformação. Em outras palavras, o movimento proletário caminha em conjunto – luta, organização e consciência – e a passagem de *classe em si* à *classe para si* significa que sua luta, organização e consciência deixam de ser determinadas pelo capital e passam a ser autodeterminadas. Ou seja, há uma consciência proletária que reproduz as ideias dominantes e as relações sociais estabelecidas (e isso em contradição com a sua situação de classe), mas que, com o avanço do processo de luta e organização, essa consciência também tende a avançar e a se tornar autodeterminada e, por conseguinte, revolucionária. Assim, trata-se de autoconsciência e auto-organização num processo de luta e autoformação (VIANA, 2017).

Nessa perspectiva, o marxismo como expressão teórica do movimento revolucionário do proletariado, pode ser definido como um movimento tanto político quanto cultural e que ultrapassa as ideias e a pessoa de Karl Marx. Logo, suas obras constituem o primeiro momento do marxismo; todavia, não é o único. Consequentemente:

[...] dizer que o marxismo é o “sistema das ideias e das doutrinas de Marx” é fazer destas a “verdade revelada” e toda discussão em torno do marxismo só seria possível recorrendo-se as obras de Marx, assim como os religiosos se digladiam em torno da Bíblia buscando provar que a verdadeira interpretação das escrituras é a da sua seita. Isto significaria, também, um “congelamento” do marxismo, que não se desenvolveria mais (VIANA, 2012, p. 46).

Assim, se o marxismo é, conforme Korsch (2008), a expressão teórica do movimento revolucionário do proletariado, justamente por se expressar em períodos de ascensão das lutas de classes, então tal definição recebeu apenas uma fundamentação histórica, isto é, definiu-se que em períodos de ascensão da luta operária ele se mantém e se desenvolve como uma teoria revolucionária, o que pressupõe também que em períodos de recuo e enfraquecimento das lutas o marxismo torna-se marginalizado ou é deformado, transformando-se em ideologia, ou seja, em pseudomarxismo.

Em outras palavras, e de acordo com as observações de Mattick (1977, 2020), nada prova, de maneira mais determinante, o caráter revolucionário das teorias de Marx do que a dificuldade de assegurar a sua manutenção nos períodos não-revolucionários. Logo, tanto para Mattick (1977), quanto para Korsch (2008) e Viana (2012), a obra de Marx foi produzida em momentos revolucionários e, por isso, era constituída por ideias e teorias revolucionárias. No entanto, apesar de todos os obstáculos e dificuldades – dentre estas as

tendências oposicionistas – em períodos de enfraquecimento das lutas, o caráter revolucionário das ideias de Marx pode ser mantido e desenvolvido, embora sem a mesma influência e o mesmo entusiasmo.

Para Viana (2012), torna-se, então, imprescindível acrescentar à fundamentação histórica de Korsch uma fundamentação teórica, pois é preciso explicitar – teoricamente – se o marxismo é, na verdade, uma tradução teórica dos interesses de classe do proletariado. Sendo assim, Viana (2012) indica que o primeiro passo para confirmar tal hipótese é, diferentemente das definições empiricistas, apresentar uma clara definição sobre o que é o proletariado, ou seja, o seu *ser-de-classe* e não apenas o que ele aparenta ser. Este primeiro ponto é o pressuposto que permite também definir quais são os interesses de classe do proletariado. Somente assim, ao comparar a teoria marxista com os interesses de classe do proletariado é que se pode definir se o marxismo é, realmente, uma expressão teórica do movimento operário.

Marx (2011), ao reconhecer a necessidade de uma teoria do *ser-de-classe* do proletariado, afirma que não se trata apenas de entender qual objetivo o proletariado tem momentaneamente, mas, sim, de saber o que é o proletariado e, sobretudo, o que ele será historicamente constrangido a fazer de acordo com este ser. De maneira sucinta, a relação-capital, isto é, o capitalismo entendido como relação de produção, é o fundamento da existência de duas classes sociais fundamentais: a proletária, produtora de mais-valor; e a capitalista, apropriadora desse mais-valor². Logo, o capitalismo é um modo de vida no qual os trabalhadores (proletários) são explorados por aqueles que não trabalham (capitalistas), e esta exploração se efetiva por meio da extração e apropriação do *mais-valor*, que é o trabalho não pago aos trabalhadores, ou seja, o trabalho realizado além do necessário para a subsistência, mas que é apropriado pela burguesia. Tal relação ocorre no processo de produção. Em palavras mais precisas:

A produção de mais-valor e a exploração no mundo do trabalho consistem nas pedras angulares de sustentação que alicerçam o modo de produção capitalista. O que define a essência do capitalismo é, sobretudo, a produção de mercadorias geradas na extração do mais-valor e, portanto, na exploração de quem a produz, ou seja, o trabalhador, que na verdade nada possui a não ser a sua força de trabalho que é vendida por um salário. Para a produção de mercadorias é necessário, logicamente, a realização do trabalho humano, e para executá-lo é necessário a mão-de-obra que advém

² No entanto, vale sempre frisar, estas não são as únicas classes, e sim as fundamentais de onde as outras se ramificam, pois, o modo de produção capitalista precisa, para se reproduzir, gerar um conjunto de classes sociais que possuem funções específicas na divisão social do trabalho.

da classe trabalhadora. Ao realizar as suas atividades laborais dentro das fábricas, o operário participa do processo de produção de determinadas mercadorias e quanto mais riquezas ele produz, mais ele reafirma a sua própria miséria (SANTOS, 2014, p. 20).

Infere-se, portanto, que a luta gira em torno do *mais-valor*, uma vez que a classe capitalista utiliza seus mecanismos e estratégias (ideologias, repressões, concessões etc.) para conservar e, paulatinamente, aumentar a produção e extração de mais-valor, enquanto que a classe proletária luta para, num primeiro momento, diminuir a sua produção e extração, e, num segundo momento, para eliminá-la por completo. Logo, o proletariado se define na sua relação com o seu contrário – a classe capitalista –, tendo em vista que, devido às suas condições de vida e à dinâmica geral da sociedade burguesa, o proletariado é obrigado a lutar e, conseqüentemente, fazer a revolução que o libertará. E isso faz parte do seu *ser-de-classe*.

Fica evidente, nesse processo de luta, que a classe capitalista tem o interesse de conservar o seu modo de produção, enquanto que a classe operária tem o interesse de aboli-lo completamente. Assim, capitalistas e proletários possuem seus respectivos interesses de classes, e estes podem ser definidos como *imediatos* e *históricos* (VIANA, 2012). Os interesses imediatos estão ligados às necessidades imediatas das classes sociais no interior de um modo de produção. Como exemplo, alguns dos interesses imediatos da classe capitalista são:

- a) Manter um padrão elevado de acumulação de capital, evitar as crises econômicas, amortecer a luta de classes, unificar suas frações, etc.;
- b) Sistematizar sua consciência de classe sob a forma de ideologia e impô-la às demais classes sociais e, simultaneamente, criar barreiras ao desenvolvimento da consciência social para que ela não ultrapasse os limites “aceitáveis”;
- c) Manter o controle do estado, das instituições, da cultura e da produção em suas mãos. (VIANA, 2012, p. 106).

Enquanto que alguns dos interesses imediatos da classe proletária podem girar em torno de:

- a) Aumentar ao máximo o nível dos salários reais, unificar suas frações, radicalizar suas exigências, etc.;
- b) Desenvolver sua consciência de classe e articulá-la num universo conceitual;
- c) Democratizar as instituições, articular-se com as demais classes e frações de classes opostas à burguesia, etc. (VIANA, 2012, p. 107).

Já os interesses históricos são aqueles que estão relacionados à *conservação* ou à *superação* do modo de produção. Nesse sentido, o interesse histórico da burguesia é,

justamente, a “paralisação da história” através da tentativa de perpetuação do modo de produção capitalista. Em oposição, o interesse histórico do proletariado é, obviamente, a superação e abolição do modo de produção capitalista para, em seu lugar, estabelecer a autogestão social³.

Portanto, o proletariado – ao contrário da burguesia, cujo interesse é ocultar os mecanismos capitalistas de exploração e dominação – tem como interesse desenvolver uma consciência correta da realidade. Essa consciência, que surge, inicialmente, como consciência contraditória (isto é, possuindo elementos de aceitação e negação da sociedade existente) vai, paulatinamente, através das lutas, superando esta contradição e transformando-se em consciência revolucionária. Logo, outro interesse do proletariado é articular sua consciência revolucionária a partir de um universo conceitual, o que significa elevá-la ao nível de uma teoria. Ou seja, é interesse do proletariado desenvolver uma expressão teórica do seu movimento (KORSCH, 2008; VIANA, 2012, 2014, 2017).

Infere-se, assim, que todos os interesses de classe do proletariado são derivados, essencialmente, do seu interesse fundamental que é a superação e abolição do modo de produção capitalista e, conseqüentemente, a instauração do modo de produção comunista⁴. Nessa perspectiva, e em conformidade com Viana (2012), pode-se considerar como representantes teóricos do proletariado aqueles que, primeiramente, possuem uma afinidade com os seus interesses, ou seja, reconhecem a necessidade de abolição do modo de produção capitalista e a instauração do modo de produção comunista, fundamentando sua “concepção de socialismo” – isto é, o modo de produção condizente com os interesses de classe do proletariado – na experiência histórica do movimento operário. E, ainda, articulam a consciência revolucionária do proletariado a partir de um universo conceitual, produzindo, de tal modo, uma teoria revolucionária da sociedade.

Diante do que fora exposto, percebe-se que existe uma justaposição entre os interesses de classe do proletariado e o marxismo autêntico, pois todos os aspectos supracitados são encontrados tanto na obra de Marx quanto nas obras posteriores dos teóricos do movimento revolucionário do proletariado. Ou seja, percebe-se que Marx, de maneira

³ Para uma análise mais detalhada e melhor compreensão sobre Autogestão Social, cf. Viana (2008, 2019).

⁴ Para Marx, o comunismo é uma tendência no interior do capitalismo, cujo embrião é o movimento revolucionário do proletariado. Ou seja, o comunismo não é um estado de coisas que deve ser sistematizado e estabelecido a partir da cabeça dos intelectuais que indiquem o seu caminho. O comunismo não é um ideal pelo qual a realidade terá de se regular, pois ele nada mais é do que o movimento real que supera o atual estado de coisas (MARX; ENGELS, 1993, 2002).

enfática e repetidamente, comprovou a necessidade de superação do modo de produção capitalista. Portanto, e de acordo com a sua afirmação:

As relações de produção burguesas são a última forma antagônica do processo de produção social, antagônica não no sentido de um antagonismo individual, mas de um antagonismo que nasce das condições de existência sociais dos indivíduos. As forças produtivas, porém, que se desenvolvem no seio da sociedade burguesa criam, ao mesmo tempo, as condições materiais para resolver esse antagonismo. Com essa formação social se encerra, portanto, a pré-história da sociedade humana (MARX, 2008b, p. 48).

No que concerne à sua concepção de socialismo, Marx também a fundamentou na experiência do movimento operário. Sobre este aspecto, Viana (2012) esclarece que Marx, após a experiência da Comuna de Paris, mudou sua posição em relação à questão do Estado, reconhecendo que não basta à classe operária apenas conquistar o poder do Estado burguês, tendo em vista que é necessário destruí-lo e substituí-lo pelo “autogoverno dos produtores”. Ou seja, a partir da experiência do movimento operário, Marx (1986) reconheceu que a Comuna de Paris – ao abolir o exército permanente, a polícia, a burocracia, a magistratura e o clero – realizou, assim, a abolição do Estado.

Percebe-se, nesse sentido, que há em Marx uma teoria da sociedade capitalista que desvenda a tendência de sua autodestruição e uma teoria do ser-de-classe do proletariado com sua tendência a abolir o modo de produção capitalista e, em seu lugar, estabelecer o modo de produção comunista. Em termos mais precisos, o próprio desenvolvimento da grande indústria abala a própria base sobre a qual ela produz e se apropria dos produtos. E isto significa que a burguesia também produz, acima de tudo, seus próprios coveiros. Logo, o seu declínio, assim como a vitória do proletariado, são igualmente inevitáveis (MARX; ENGELS, 1993)⁵. Portanto, o marxismo autêntico – isto é, as ideias e concepções a partir de Marx – é confirmado como sendo uma expressão teórica do movimento operário.

Pseudomarxismo

Para se definir o que é o pseudomarxismo, foi necessário antes uma definição clara do que ele definitivamente não é, ou seja, marxismo. Logo, fica evidente que o pseudomarxismo é toda concepção que se autodeclara marxista, mas que a partir de

⁵ Não exatamente inevitáveis, pois tal afirmação pode acabar gerando um conformismo, devido ao seu caráter determinista e, principalmente, pela inevitabilidade em seu teor. No entanto, em se tratando de otimismo por parte da militância, é uma expressão aceitável.

determinadas especificidades se apresenta totalmente incoerente com o marxismo, tanto no plano das ideias quanto da perspectiva de classe que está em sua base. Desse modo, o pseudomarxismo não é, obviamente, uma expressão teórica do proletariado revolucionário; mas, muito pelo contrário, é uma ideologia burguesa e contrarrevolucionária, que nada acrescenta à luta operária. É, portanto, um falso “marxismo” que não é apenas incompatível com as ideias e posições de Karl Marx; mas, sobretudo, expressa valores, sentimentos, interesses e posições que se distanciam do proletariado revolucionário e compactua com os interesses de outras classes.

É nesse sentido que a frase dita por Marx seria melhor compreendida se ele tivesse declarado que "tudo o que eu sei é que não sou pseudomarxista" (VIANA, 2021, p. 12), pois, assim, evitaria interpretações e comentários desonestos que o acusam de recusar suas próprias ideias; quando, ironicamente, Marx estava criticando aqueles que diziam segui-las, mas que, na realidade, as deformavam a partir de determinados interesses, e, mais do que isso, não expressavam teórica e politicamente a perspectiva do proletariado.

A cegueira das interpretações possui múltiplas determinações e, cada uma, uma determinação particular. [...] O mais comum, nos meios acadêmicos, é a não-leitura acompanhada dos modismos e críticas superficiais de manuais e autores desqualificados. [...] A determinação fundamental que atua em quase todos os processos de má interpretação é uma determinada predisposição mental, marcada por valores, interesses, estereótipos, ideias equivocadas preconcebidas, que tem origem nas leituras conservadoras, socialdemocratas, bolchevistas, anarquistas, academicistas e de acordo com modismos ou determinadas ideologias em voga (VIANA, 2017, p.10).

Percebe-se, portanto, que o pseudomarxismo tem sua origem a partir de uma determinada interpretação do marxismo, que é realizada por indivíduos que se colocam como marxistas – e em alguns casos com boa intenção –, mas que em razão de um conjunto de determinações, tais como formação intelectual deficiente, pouco aprofundamento e leituras, dificuldade de acesso a materiais e informações, contato apenas com resumos comentados e manuais, reprodução de interpretações hegemônicas etc., não conseguem desenvolver uma compreensão satisfatória do marxismo. A razão para que alguns não ultrapassem certos limites somente pode ser explicada pelo processo histórico de vida desses indivíduos, uma vez que as múltiplas determinações variam de acordo com cada um (VIANA, 2018).

Assim sendo, o pseudomarxismo se configura também como uma tendência oposicionista e, sobretudo, oportunista, podendo ser caracterizado, mais especificamente, como uma tendência contrarrevolucionária. Por tendência oposicionista, e de acordo com a

proposta deste texto, compreende-se que a oposição realizada pelo pseudomarxismo possui dois sentidos: um falso e outro real. O primeiro sentido está relacionado ao seu discurso, em muitos casos dissimulado-simulado⁶, no qual determinados grupos, indivíduos ou organizações se colocam como oposição ao capitalismo e às suas forças auxiliares ou aos governos instituídos etc., perpassando a ideia de uma posição revolucionária ou reformista. Sobre essa forma de oposicionismo, Viana (2008, p. 57) enfatiza que:

Em alguns casos, é mero oportunismo, sendo que alguns indivíduos se colocam como oposição apenas para receber proposta para se vender; outros assumem esta posição por estar descontente com sua situação social, por não ter o nível de renda e consumo que deseja, por não ter a fama e o poder que almejam, ou por estar numa posição desprivilegiada na pirâmide social capitalista. Alguns por falta de perspectiva de ascensão social e assim manifestam seu descontentamento e/ou conseqüência, via oposição, alterar este quadro. Outros se opõem por uma mescla de descontentamento e influências diversas, desde os modismos e grupos de contato até um alto grau de desenvolvimento da consciência. Há também aqueles que se tornam oposicionistas por descontentamento pessoal e relação disso com o processo social global, unindo o individual e o coletivo.

A base social de tal tendência é variada e, dependendo da formação cultural, além de outras especificidades, pode assumir diversas posições. No caso do *pseudomarxismo acadêmico*, sua base oposicionista é fortemente constituída por indivíduos oriundos dos setores da intelectualidade e da juventude, por estudantes e pessoas provenientes das classes exploradas e subalternas. No *pseudomarxismo reformista*, sua base social é a burocracia partidária, burocracia sindical, burocracia das organizações da sociedade civil e setores da intelectualidade. Já o *pseudomarxismo bolchevista* tem boa parte de seus adeptos oriundos dos extratos inferiores das burocracias civil, sindical e da intelectualidade, alguns setores da classe operária, campesinato, lumpemproletariado etc., que ainda se identificam com as teses da burocracia radicalizada – Lenin, Stalin e Trotsky – do velho e moribundo bolchevismo (VIANA, 2008, 2018, 2019).

[...] o pseudomarxismo não tem apenas a base intelectual gerada pela episteme burguesa para deformar o marxismo, pois também tem bases sociais, especialmente os partidos políticos de esquerda e, secundariamente, outras organizações burocráticas (sindicatos, por exemplo). A questão é que essa base social gera uma adesão à episteme burguesa e um reforça o outro reciprocamente. É por isso que muitos jovens e outras pessoas honestas possuem dificuldade de superar o

⁶ O processo de dissimulação-simulação é marcado pela declaração de um interesse falso e pela omissão do verdadeiro interesse (VIANA, 2013).

pseudomarxismo, pois, quando entram na luta política, se deparam com o pseudomarxismo como principal oposição ao capitalismo ou às injustiças, e como apresentam uma forma organizativa, aparecendo como uma possibilidade realmente existente de superação do atual estado de coisas, e uma expressão intelectual que reproduz o modo de pensar dominante e, ao mesmo tempo, aparece como contestador ou “revolucionário” (VIANA, 2018, p. 139).

O que importa compreender é que o pseudomarxismo tende a propagar a falsa ideia – a maioria apenas no discurso; outros, na prática – de ser uma oposição ao capitalismo e ao seu modo de produção ou a governos instituídos etc., e que seus interesses estão relacionados aos interesses de classe do proletariado. Isso significa que o pseudomarxismo, em alguns aspectos e momentos, se aproxima das concepções do marxismo autêntico – justamente por ter como base as suas ideias –, mas em essência é radicalmente distinto e facilmente desvelado.

O segundo sentido do pseudomarxismo, como tendência oposicionista, é real e está diretamente relacionado ao primeiro sentido. Ou seja, é perceptível que o pseudomarxismo é uma tendência contrarrevolucionária que contribui muito mais para a reprodução do modo de produção capitalista ao invés do seu combate e abolição. Logo, é uma falsa oposição ao capitalismo; mas, por outro lado, é uma real oposição ao marxismo, sendo, portanto, um adversário político que necessita ser criticado e combatido.

Esse processo é derivado do fato de que tais oposições não são efetivamente antagônicas ao capitalismo e por isso se opõem ao marxismo (geralmente confundido com o pseudomarxismo, mas também sem a referida confusão) e que movem seu pensamento no interior da episteme burguesa e seus derivados. [...] Nesse sentido, a crítica ao oposicionismo é fundamental e a crítica ao pseudomarxismo é ainda mais necessária (VIANA, 2018, p. 140-141).

É nessa perspectiva que um dos propósitos desta crítica é ressaltar o pseudomarxismo acadêmico como uma tendência oposicionista e oportunista, isto é, uma tendência ideológica e contrarrevolucionária que deve ser questionada e criticada.

O Pseudomarxismo Acadêmico: Críticas a uma Tendência Oposicionista e Oportunista

O ensino do marxismo nas universidades e, por conseguinte, a formação de um pseudomarxismo acadêmico, é outra fonte de deformação e criação de interpretações e ideologias pseudomarxistas (VIANA, 2018). Ou seja, o pseudomarxismo acadêmico, como uma forma sistematizada de falsa consciência – isto é, como ideologia –, reflete os interesses

da classe dominante, principalmente a ocultação da realidade social, pois demonstra, de maneira bastante evidente, a forte influência da episteme burguesa e das concepções hegemônicas mescladas com uma compreensão precária de marxismo.

Para Marx e Engels (2002), a ideologia é uma inversão da realidade que surge nas sociedades de classes com a divisão social entre trabalho manual e trabalho intelectual. É quando aparecem os ideólogos, especialistas em sistematizar as ideias e considerá-las autônomas, naturais, independentes da história e da sociedade, e até mesmo produtoras da realidade. E isso faz com que as concepções da classe dominante se tornem a expressão ideal das relações materiais dominantes, isto é, os interesses e as relações materiais dominantes – nos quais os ideólogos estão inseridos – são concebidos e reproduzidos como ideias.

As ideias da classe dominante são, em todas as épocas, as ideias dominantes; ou seja, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, a sua força espiritual dominante. A classe que tem à sua disposição os meios de produção material dispõe assim, ao mesmo tempo, dos meios para a produção espiritual, pelo que lhe estão assim, ao mesmo tempo, submetidas em média as ideias daqueles a quem faltam os meios para a produção espiritual (MARX; ENGELS, 2002, p. 56).

Torna-se, portanto, necessário realizar a crítica do pseudomarxismo acadêmico enquanto uma ideologia e consciência ilusória. No entanto, vale frisar, que a crítica neste texto assume, desde as suas primeiras linhas, a forma de teoria, pois a oposição simplista entre “crítica *versus* ideologia” é, acima de tudo, outra concepção ideológica. Ou seja, de acordo com Viana (2012), a crítica que vive em função da ideologia é apenas um antidiscurso ou contradiscurso da ideologia, uma vez que há o aprisionamento da própria crítica na masmorra do castelo ideológico. Nesse caso, a referência da crítica não é a realidade, mas sim a ideologia. Logo, a crítica conserva-se amarrada e, por isto, não ultrapassa os limites que lhe são impostos pela ideologia.

Em outras palavras, a crítica, ao se limitar a um mero antidiscurso da ideologia, tende a permanecer presa nas amarras da própria ideologia criticada, ou seja, preocupa-se com a máscara ao invés de se preocupar com aquilo que a máscara esconde (ENZENSBERGUER, 1979). Assim sendo, a mera crítica não consegue visualizar o novo e as suas condições de possibilidades (utopia concreta), pois está centrada no passado e no

presente, esquecendo-se do futuro e do projeto de transformação social⁷. Desta forma, a crítica apenas reproduz o que procura criticar.

Por outro lado, e ao contrário da ideologia – que realiza uma sistematização ilusória da realidade e, assim, se considera completa –, a teoria é sempre incompleta, pois realiza uma articulação da consciência correta da realidade e se fundamenta em um universo conceitual no qual sempre se pode acrescentar novos conceitos e perceber novas relações a partir de um processo interminável, tal como é a realidade. Pode-se mencionar, ainda, de acordo com Viana (2012), outras características da teoria, uma vez que ela sendo a articulação da consciência revolucionária do proletariado, então deve se manifestar como saber interessado, expressão de necessidades, valores, sentimentos etc. e, também, ser elaborada com o objetivo de atingir uma finalidade que é, nesta sociedade, a transformação social.

Neste sentido, a teoria também se diferencia de diversas ideologias (mas não de todas) porque não se pretende “neutra”, acima dos interesses de classe, tal como, por exemplo, a ciência. A teoria possui a intencionalidade de manifestar os interesses de classe do proletariado (VIANA, 2012, p. 72).

Portanto, a crítica aqui realizada tem um sentido de teoria, posto que ela está demonstrando que o pseudomarxismo acadêmico é uma expressão ideológica da classe dominante, cujos interesses se coincidem e, por isso, se distancia do caráter revolucionário e autogestionário do marxismo autêntico, sendo apenas mais um obstáculo para a luta operária. Seus representantes, isto é, os pseudomarxistas acadêmicos, “são os degenerados do pensamento de esquerda” (VIANA, 2008, p. 60) que expressam, não os interesses da emancipação humana, mas, sim, os mesquinhos interesses em reproduzir a miséria humana em benefício de um grupo no qual eles se sentem incluídos ou, por oportunismo, querem se incluir (VIANA, 2008, 2019).

Uma das principais formas de pseudomarxismo acadêmico é representada por uma tendência puramente academicista, através da qual Marx se transforma em “economista”, “filósofo” ou “sociólogo” e o marxismo em “quadro teórico”, “concepção científica”, “método de pesquisa”, “crítica”, “rótulos”, “slogans” etc. É a partir deste grupo que emergem

⁷ Enquanto a ideologia sempre procura naturalizar e universalizar o existente; a utopia, ao contrário, propõe as condições de possibilidades de um novo existente, ou seja, uma nova sociedade que constitui uma mudança radical. De acordo com Bloch (2005), existem dois tipos de utopia: a *utopia abstrata* e a *utopia concreta*. A utopia concreta é aquela que leva em consideração as possibilidades de sua realização, enquanto que a utopia abstrata não fundamenta as condições de sua concretização.

as diversas tentativas de articulação do marxismo com as ideologias burguesas, tais como existencialismo, fenomenologia, psicanálise, psicologia, estruturalismo, análise de discurso, ecologia, dentre outras, o que acaba por deformar o marxismo ao querer aproximá-lo a concepções que são incompatíveis com a perspectiva do proletariado. Concepções, vale ressaltar, que devem ser questionadas e criticadas, e não assimiladas. Dito de outra maneira:

O marxismo, para os nossos eruditos burgueses, não representa apenas uma dificuldade teórica e prática de primeira ordem – representa, ainda, uma dificuldade teórica de segunda ordem, ou seja, uma dificuldade “epistemológica”. Ele não se deixa encaixar em nenhuma das gavetas tradicionais do sistema das ciências burguesas. E mesmo se fosse aberta especialmente para ele e seus congêneres mais próximos uma nova gaveta, chamada sociologia, o marxismo não se aquietaria nela: logo estaria passeando por todas as outras. “Economia”, “filosofia”, “história”, “teoria do direito e do Estado” – nenhuma dessas rubricas é capaz de aprisioná-lo e nenhuma estaria a salvo de suas incursões caso se pretendesse encarcerá-lo em outra (KORSCH, 2008, p. 123).

Assim, a partir das ciências burguesas, o marxismo é despolitizado, deformado, simplificado e perde a sua essência ao se transformar em apenas mais uma ideologia que, na realidade, tem apenas pretensões acadêmicas e carreiristas, sendo utilizado como uma forma de barganhar espaço e “reconhecimento” acadêmicos entre os pares. Dessa maneira, os pseudomarxistas, ao mesclarem suas ideologias aos modismos acadêmicos, constroem alianças com os intelectuais hegemônicos e com a burocracia dos meios acadêmicos, podendo também se autodenominarem como críticos, mesmo sem embasamentos teóricos consistentes para análises e discussões mais profundas. Ou seja, mesmo com pretensões críticas, não conseguem ultrapassar os limites da consciência burguesa.

O seu caráter conservador é evidente, não apenas no discurso e nas práticas rotineiras de seus adeptos nas instituições acadêmicas, mas em todas as suas relações sociais e representações cotidianas. Para os pseudomarxistas acadêmicos, o marxismo é visto como uma espécie de “máscara axionômica” que se pode vestir e retirar conforme as necessidades e os interesses que lhes convém no momento, o que demonstra contradições entre seus discursos e suas práticas axiológicas⁸. Assim, acreditam que o “marxismo” deve ser

⁸ Práticas axiológicas estão relacionadas à axiologia, que é uma determinada configuração dos valores dominantes (inautênticos e particularistas), tais como os da competição, da mercantilização, da burocratização, do poder, *status*, riqueza, consumo etc. Por outro lado, a axionomia é uma determinada configuração dos valores autênticos que apontam para a solidariedade, igualdade, cooperação, liberdade, criatividade, verdade, etc. (VIANA, 2007). O termo "máscara axionômica" significa que, em determinados momentos e a partir de

estabelecido a partir de certas interpretações e vanguardas que indicam o caminho para que a sua reprodução, no âmbito das ciências acadêmicas, seja correspondente às expectativas normativas dos intelectuais e, ao mesmo tempo, às ideologias dominantes.

Isto ocorre via substituição do marxismo pelo leninismo ou por qualquer variante das ideologias acadêmicas burguesas. O leninismo é assimilável e aceitável por várias tendências do pseudomarxismo acadêmico, por fazer o culto da ciência e da vanguarda e ressaltar o papel proeminente da intelectualidade, filha bastarda da burguesia (VIANA, 2008, p. 60).

Alguns, com suas concepções ecléticas – pois realizam sínteses do pseudomarxismo com diversas ideologias burguesas – proclamam que os intelectuais não devem ser uma vanguarda e que, por isso, não precisam interferir nas lutas e nos discursos dos outros, mas deixar que eles próprios o façam. Na realidade, estes intelectuais, seja de maneira consciente ou inconsciente, apenas ocultam suas posições conservadoras sob o véu da “esquerda” enquanto posam de críticos (VIANA, 2008). É por isto que:

Não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam ou se representam, e também não dos homens narrados, pensados, imaginados, representados, para daí se chegar aos homens em carne e osso; parte-se dos homens realmente ativos e com base no seu processo real de vida apresenta-se também o desenvolvimento dos reflexos e ecos ideológicos deste processo de vida (MARX; ENGELS, 2002, p. 56).

A intelectualidade, nesse sentido acadêmico, é uma classe auxiliar da burguesia que, por assim ser, produz e reproduz as ideologias que expressam os interesses de ambos (MARQUES; BRAGA, 2013), isto é, são os “guardiões do capital, travestidos de iluminadores da consciência humana” (SILVA, 2013, p. 12), uma vez que “o crescimento progressivo do capitalismo é impensável sem o crescimento da sociedade cultivada e da *intelligentsia*, do exército de trabalhadores intelectuais” (MAKHAÏSKI, 1979, p. 102). Em outras palavras, estes são os intelectuais enquanto classe social (MARQUES; BRAGA, 2003), ou seja, são aqueles que, conforme as palavras de Gramsci (1989), exercem na sociedade a função de intelectuais. Logo, não se deve confundir com qualquer indivíduo que realiza uma produção intelectual, pois, nesta acepção mais ampla, todos podem ser considerados intelectuais.

certos interesses, haverá a ênfase e defesa dos valores autênticos nos discursos que precisam ser expressos ou publicados; porém, tais valores estão distantes das práticas de quem os profere.

Portanto, a base social do pseudomarxismo acadêmico é a intelectualidade que, em alguns momentos, é apoiada por burocracias partidária e sindical; e, em outros momentos, está em contradição com tais burocratas (VIANA, 2008, 2019). Suas pretensões políticas – com ligações partidárias e sindicais, ou nenhuma – fazem uma incorporação do marxismo ao bolchevismo ou à social-democracia, atualmente “neoliberalismo de esquerda” (VIANA, 2008, p. 59), ou, também, aos modismos e interesses conjunturais de partidos e governos com suas diretrizes acadêmicas. Seus discursos, conforme anteriormente mencionado, são parcialmente politizados e apresentam momentos de verdade; porém, não possuem correspondência com alguma prática política realmente efetiva, pois muitos se iludem com as idealizações de algum partido de “esquerda” (tornando-se defensores apaixonados de determinados candidatos), perdoando suas negligências, justificando suas posições no cenário eleitoral e legitimando seu reformismo.

Sem dúvida, muitos fazem isso inocentemente, devido a sua própria formação acadêmica realizada pelo pseudomarxismo acadêmico, mas isto não os isenta da crítica, e são os seus valores e não apenas limites intelectuais que lhes permitiram reproduzir este pseudomarxismo caricatural e suas práticas correspondentes (VIANA, 2008, p. 59).

Infere-se, portanto, que todas as formas de pseudomarxismo acadêmico estão distantes e em contradição com o caráter revolucionário e autogestionário do marxismo, não sendo nada mais do que expressões de ideologias burguesas ou de suas classes auxiliares e, nesse sentido, não acrescentam nada de efetivo à luta operária; mas, muito pelo contrário, são tendências conservadoras da lógica capitalista, contribuindo, de tal modo, para a manutenção e perpetuação desta. Em síntese, são tendências ideológicas e contrarrevolucionárias que devem ser criticadas e combatidas, ou seja, tendências e concepções – e não indivíduos –, pois a distinção entre indivíduo e instituições/concepções é uma necessidade básica para se evitar equívocos e reducionismos personalistas. Somente assim haverá avanços e uma melhor compreensão acerca das lutas políticas e do projeto de transformação social.

Nesse sentido, e de acordo com as palavras de Viana (2008, p. 74):

A nova geração de militantes não nasce conhecendo a história do movimento socialista e do movimento operário, não nasce sabendo o que é o bolchevismo, o pós-estruturalismo. Ao juntar inexperiência intelectual e prática, desconhecem também as outras opções e tendências, além de existir uma forte influência da mentalidade burguesa que torna mais

convicente o discurso leninista, reformista, academicista, mais “realistas”, mais próximos das relações sociais nos quais os indivíduos nascem e se desenvolvem. Pensar o além do capitalismo não é uma tarefa fácil, e por isso, mesmo as pessoas que possuem valores antagônicos aos valores dominantes, se não tiverem acesso à cultura e teoria realmente revolucionárias, podem se iludir e ficar nos limites da vanguarda burocrática.

Os indivíduos nascem na sociedade capitalista, são formados nesta sociedade e de acordo com a lógica do capitalismo, estando assim submetidos, “naturalmente”, à episteme burguesa. Nesse sentido, a socialização, a escolarização, o capital comunicacional (VIANA, 2020), as correntes de opinião, juntamente com mentalidade dominante e a partir de uma hegemonia burguesa etc., fazem com que a aproximação e mesmo a aquisição, ainda que de maneira incipiente, da episteme marxista, seja algo extremamente difícil, pois sua aquisição é perpassada por obstáculos valorativos contraditórios, o que exige esforço intelectual para a superação da episteme burguesa e, conseqüentemente, a compreensão da episteme marxista (VIANA, 2018). Mas, como isso é dificultado para a maioria, então o que ocorre, geralmente, é uma adesão ao pseudomarxismo, principalmente o das escolas acadêmicas, fontes de criação e interpretações de ideologias.

Muitos indivíduos, principalmente os mais experientes e devido a uma formação intelectual mais consistente, já se apegaram fielmente a determinadas concepções e ideias conectadas aos seus interesses e valores, o que torna mais difícil a superação e abandono de suas convicções ideológicas, porém, não é impossível. É claro que alguns, principalmente os líderes e aqueles ligados aos setores burocráticos, são mais resistentes quanto às suas convicções e posições; ao contrário da base dos indivíduos militantes que é mais acessível a mudanças. Outras determinações, incluindo também as de ordem psíquicas – tais como a personalidade autoritária (ADORNO, 2019), a rebeldia egoísta ou altruísta (FROMM, 1986, 2014), o caráter contestatário (MARCUSE, 1999; VIANA, 2015) etc. – tendem a complexificar ainda mais essa questão. Assim, e em síntese:

[...] a episteme burguesa tem um aliado que afirma fazer parte das fileiras do movimento revolucionário e que diz representar e ser a vanguarda do proletariado. Isso impede não só os jovens e intelectuais de terem acesso ao marxismo autêntico, como também amplas parcelas das classes trabalhadoras (VIANA, 2018, p. 140).

No entanto, é possível, principalmente nos mais jovens, um posicionamento autocrítico e a realização do seu processo de autoeducação e autoformação, uma vez que

muitos possuem valores e sentimentos que são antagônicos aos valores dominantes, mas, por não terem acesso às teorias realmente revolucionárias, acabam se iludindo com as ideologias hegemônicas. Como observa Viana (2018, p. 138), “ninguém nasce revolucionário, torna-se revolucionário”.

Logo, é possível ultrapassar os limites da consciência burguesa a partir da autoformação, o que implica em consciência revolucionária, possibilitando uma melhor compreensão das lutas políticas e, assim, a efetivação de uma práxis igualmente revolucionária que reforça a luta por uma nova sociedade, radicalmente diferente e humanizada, fundada na autogestão social. Portanto, a autoconsciência da episteme marxista e a crítica desapiedada da episteme burguesa são elementos fundamentais para o desenvolvimento de uma consciência revolucionária e, por conseguinte, a busca e conquista da verdadeira libertação humana.

Considerações Finais

*A crítica arrancou as flores imaginárias dos grilhões,
não para que o homem os suportem sem fantasias ou
consolo, mas para que lance fora os grilhões, e a flor
viva brote.*

Karl Marx

A luta cultural torna-se imprescindível como arma de luta do proletariado no campo epistêmico⁹, uma vez que o modo de pensar influencia o resultado do pensamento, o que demonstra que a luta cultural é tão importante quanto a luta prática no processo de superação e abolição do modo de produção capitalista. O marxismo autêntico, como consciência antecipadora, é revolucionário antes mesmo do proletariado assumir essa radicalidade; no entanto, é preciso antecipar essa radicalidade teoricamente. Assim, o marxismo deve ser, ao mesmo tempo, uma revolução teórica e uma teoria da revolução, ou seja, a episteme marxista não deve ser apenas um pensamento da revolução, mas, acima de tudo, uma revolução no pensamento (VIANA, 2018). Logo, para expressar o proletariado é preciso ser, obviamente,

⁹ A expressão “campo epistêmico” é aqui utilizada como um conceito, pois trata-se de campos mentais ou campos constitutivos do pensamento que, em seu conjunto, formam uma episteme. Ou seja, uma episteme, para existir, constitui alguns campos específicos: o *linguístico* (incluindo o campo lexical e semântico), o *analítico*, o *axiomático* e o *perceptivo* (VIANA, 2018). Desta forma, a episteme é um modo de pensar específico e, portanto, cada episteme (burguesa e marxista) gera formas distintas de pensamento. Para uma análise mais detalhada e melhor compreensão sobre *Campos Mentais, Episteme Burguesa e Episteme Marxista* cf. Viana (2018).

um pensamento revolucionário que venha a realizar uma revolução no pensamento, e isso exige a ruptura com a episteme burguesa.

O pseudomarxismo acadêmico demonstra, sob forma bastante evidente, a forte influência que a episteme burguesa – isto é, o modo de pensar burguês – e o paradigma hegemônico exercem sobre o ensino do “marxismo” nas universidades. Por ser uma expressão ideológica e reprodutora da dinâmica capitalista, essa tendência destina-se a reforçar a episteme burguesa e, por conseguinte, enfraquecer a episteme marxista e a expressão teórica do movimento revolucionário do proletariado.

Nesse sentido, o principal objetivo deste pequeno texto foi o de demonstrar que o pseudomarxismo, não obstante algumas semelhanças e momentos de verdade, se difere totalmente do marxismo autêntico, sendo este considerado marginal, ou seja, está à margem das academias e dos seus modismos, à margem do Estado, dos partidos políticos, dos sindicatos etc. e, portanto, totalmente ao contrário das tendências oposicionistas e oportunistas, pois, o marxismo, além de não se relacionar com tais instituições e organizações, ainda realiza a crítica desapiedada destas forças auxiliares do capital. Contudo:

A arma da crítica não pode, é claro, substituir a crítica da arma, o poder material tem de ser derrubado pelo poder material, mas a teoria também se torna força material quando se apodera das massas. A teoria é capaz de se apoderar das massas tão logo demonstra *ad hominem*, e demonstra *ad hominem* tão logo se torna radical. Ser radical é agarrar a coisa pela raiz. Mas a raiz, para o homem, é o próprio homem (MARX, 2005, p. 157).

Assim, para se definir o que é o pseudomarxismo e, mais precisamente, o pseudomarxismo acadêmico, foi necessário, antes, uma definição clara do que eles definitivamente não são, ou seja, marxismo. Desta forma, ficou evidente que o pseudomarxismo é toda concepção que se autodeclara marxista, mas que a partir de determinadas especificidades se apresenta totalmente incoerente, tanto no plano das ideias quanto da perspectiva de classe que está em sua base. Conclui-se, portanto, que o pseudomarxismo acadêmico, mesmo com algumas pretensões razoáveis, não é, obviamente, uma expressão teórica do proletariado revolucionário; mas, muito pelo contrário, é uma expressão de ideologias burguesas ou de suas classes auxiliares e, por isso, nada de efetivo acrescenta à luta operária, a não ser a oportunidade de remover este véu sob o qual se ocultam muitos “marxistas”.

Referências

- ADORNO, Theodor. *Estudos sobre a personalidade autoritária*. São Paulo: Unesp, 2019.
- BLOCH, Ernst. *O Princípio Esperança*. Vol. I. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.
- ENZENSBERGER, Hans Magnus. *Elementos para uma teoria dos meios de comunicação*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1979.
- FROMM, Erich. *O dogma de Cristo*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- FROMM, Erich. *O Caráter Revolucionário*. Revista Marxismo e Autogestão, vol. 1, num. 2, 2014.
- GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.
- KORSCH, Karl. *Marxismo e Filosofia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.
- MAKHAÏSKI, Jan Waclaw. *Le Socialisme des Intellectuels*. Paris: Éditions Seuil, 1979.
- MARCUSE, Herbert. *A grande recusa hoje*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- MARQUES, Edmilson; BRAGA, Lisandro (Orgs.). *Intelectualidade e Luta de Classes*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2013.
- MARX, Karl. *A Guerra Civil na França*. São Paulo: Global, 1986.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Centauro, 2002.
- MARX, Karl. *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*. São Paulo: Boitempo, 2005.
- MARX, Karl. *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2008.
- MARX, Karl. *Contribuição à crítica da economia política*. São Paulo: Expressão Popular, 2008b.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A Sagrada Família*. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MARX, Karl. *O Capital – crítica da economia política: O processo de produção do capital*. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MARX, Karl. *Crítica ao Programa de Gotha*. Goiânia: Edições Enfrentamento, 2021.
- MATTICK, Paul. *Integração capitalista e Ruptura operária*. Porto: A Regra do Jogo, 1977.
- MATTICK, Paul. *Karl Korsch e o Marxismo*. Goiânia: Edições Enfrentamento, 2020.

MEHRING, Franz. *Carlos Marx*. Barcelona: Grijalbo, 1975.

MEHRING, Franz. *Karl Marx – A história de sua vida*. São Paulo: Sundermann, 2013.

SANTOS, Jean Isidio. *O Documentário como Crítica Social: a representação da crise neoliberal da Argentina na câmera de Pino Solanas*. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias), Universidade Estadual de Goiás, Campus de Ciências Socioeconômicas e Humanas. Anápolis, 2014.

SARTRE, Jean-Paul. *Crítica da razão dialética: precedido por Questões de Método*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SILVA, José Santana da. Prefácio. In: MARQUES, Edmilson; BRAGA, Lisandro (Orgs.). *Intelectualidade e Luta de Classes*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2013.

VIANA, Nildo. *Os Valores na Sociedade Moderna*. Brasília: Thesaurus, 2007.

VIANA, Nildo. *Manifesto Autogestionário*. Rio de Janeiro: Achiamé 2008.

VIANA, Nildo. *O que é Marxismo*. Florianópolis: Bookess, 2012.

VIANA, Nildo. *Karl Korsch e a concepção materialista da história*. São Paulo: Scortecci, 2014.

VIANA, Nildo. *Juventude e Sociedade: Ensaio sobre a condição juvenil*. São Paulo: Giostri, 2015.

VIANA, Nildo. *A teoria das classes sociais em Karl Marx*. Lisboa: Chiado, 2017.

VIANA, Nildo. *Karl Marx: A Crítica Desapiedada do Existente*. Curitiba: Prismas, 2017b.

VIANA, Nildo. *O modo de pensar burguês: episteme burguesa e episteme marxista*. Curitiba: CRV, 2018.

VIANA, Nildo. *Manifesto Autogestionário*. 3ª edição, Rio de Janeiro: Rizoma, 2019.

VIANA, Nildo. *Teses sobre o Capital Comunicacional*. Goiânia: Edições Enfrentamento, 2020.

VIANA, Nildo. *Marx não é “Marxista”: As Origens do Pseudomarxismo*. Revista Marxismo e Autogestão, ano 08, num. 11, 2021.

Texto aprovado para publicação em 11 de outubro de 2021.